

24 NOV 1987

A dívida dos países do Leste europeu deve chegar a US\$ 126,7 bilhões

por Tom Camargo
de Londres

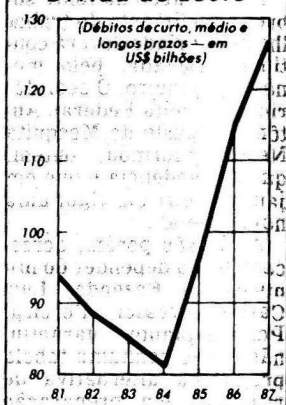
Enquanto a comunidade financeira internacional se mantinha emaranhada na crise da dívida do Terceiro Mundo — ontem, por exemplo, a Nigéria começou a assinar o reescalonamento de US\$ 4,5 bilhões e um aporte de US\$ 320 milhões em dinheiro novo com o chamado "Clube de Londres", formado por 350 bancos credores, enquanto em outros gabinetes da capital inglesa o Banco da Inglaterra pressionava os dois maiores bancos comerciais locais a voltarem atrás em sua decisão de não entrar no último pacote relativo à dívida do Brasil —, sete países comunistas, com União Soviética à frente, viram-se forçados a ampliar de forma considerável seus passivos externos e, em um movimento forte, transformando-se em grandes devedores de bancos e governos.

No final de 1986, mostram estatísticas recém-divulgadas pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, onde têm assento cerca de duas dezenas de países industrializados, a União Soviética e seis países do Leste europeu (Alemanha Oriental, Polônia, Hungria, Checoslováquia, Bulgária e Romênia) tinham uma dívida externa bruta (deduzidas reservas de divisas fortes e ativos de bancos nacionais no exterior) de US\$ 115 bilhões, sendo que projeções cautelosas indicam que, no final de 1987, tal dívida terá subido para cerca de US\$ 126,7 bilhões, equivalentes a uma dívida líquida de cerca de US\$ 100 bilhões. A União Soviética, maior devedora individual do grupo, deverá fechar o presente ano com cerca de US\$ 25 bilhões de dívida bruta.

A preocupação principal dos países-membros da OCDE relaciona-se com o fato de que todos os sete países estão encontrando grandes dificuldades para melhorar suas balanças comerciais. A União Soviética, por exemplo, deverá embarcar se a 'perestroika' de Mikail Gorbachev funcionar, num alentado programa de importações modernas, encaminhando-se para uma situação de "endividamento crescente, ainda que moderado".

O vermelho da contabilidade socialista, contudo, é suave, carmesim, quando comparado à carregada co-

Dívida do Leste



Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)

loração das contas do Ocidente. No final de 1985, por exemplo, os trinta países em desenvolvimento mais endividados registravam um débito global de cerca de US\$ 900 bilhões, equivalentes a cerca de 40% de seus produtos nacionais brutos reunidos. Na mesma data, se os países-membros da OCDE reunissem suas dívidas externas contabilizariam algo como US\$ 3,3 trilhões, valendo perto de 31% de seus PNB.

Foi a partir de 1985 que a situação financeira externa dos sete países socialistas mencionados começou a apresentar sinais de deterioração. Desde 1981, graças a superávits comerciais crescentes com o Ocidente — em 1985 o superávit registrado foi de cerca de US\$ 2 bilhões —, foi possível abater a dívida bruta ao ritmo de cerca de US\$ 5 bilhões por ano, baixando-a de US\$ 94 bilhões, em 1981, para perto de US\$ 82 bilhões em 1984. Mas nem mesmo o superávit de 1985 foi suficiente para segurar um retorno ascendente.

No intercâmbio com países desenvolvidos, por exemplo, o ano de 1986 foi fechado com um déficit próximos de US\$ 2 bilhões, amenizado apenas por uma forte alta do superávit com os países do Terceiro Mundo, com os quais a União Soviética apresentou um superávit de US\$ 8,73 bilhões no ano passado, basicamente graças à venda de armamentos.

O país em situação mais delicada é a Hungria, cuja dívida bruta passou de US\$ 8,6 bilhões, em 1981, para US\$ 15 bilhões no final de 1986. A Romênia, por seu lado, administrou uma formidável queda nos seus compromissos externos, reduzindo a dívida de US\$ 10,1 bilhões, em 1981, para 6,3 bilhões no ano passado.